

ilustrada ilustríssima



As atrizes Jamie Lee Curtis e Michelle Yeoh em cena do filme 'Tudo em Todo o Lugar ao Mesmo Tempo' Allyson Riggs/Divulgação

Mulheres na idade média

[RESUMO] Hollywood sempre idolotrou as atrizes mais jovens, mas as últimas décadas viram subir a média de idade das indicadas ao Oscar, enfim rompendo a barreira dos 40 anos. A disparidade de gênero, no entanto, não acabou, já que a Academia reconhece há décadas homens mais velhos nas categorias de atuação

Por **Karina Almeida**

Mestre em meios e processos audiovisuais pela Université Paris 1 - Sorbonne e doutoranda no programa de pós-graduação em história da arte da Unifesp

"Lembro que, quando estava com cerca de 40 anos, achava que cada filme seria o último. E todas as evidências de outras mulheres de 40 anos naquela época levavam você a acreditar que acabou."

Essa frase foi dita por Meryl Streep em 2016, ao jornal *The Washington Post*. Então com 67 anos, a atriz havia protagonizado "Florence - Quem É Essa Mulher?", que rendeu a ela uma indicação ao Oscar em 2017. Ela é recordista de indicações entre atriz principal e coadjuvante.

Desde então, houve ligeiro, mas consistente crescimento, na idade das indicadas ao Oscar de atuação.

Em 1989, quando fez 40 anos, estatísticas mostram que ela tinha razão para se preocupar. Naquele ano, a Academia tinha consagrado Jodie Foster, de 26 anos, por "Acusados". Mesmo jovem, ela era considerada uma veterana em Hollywood por

ter atuado em filmes da Disney ainda criança. Mas Foster não era exceção. Das outras quatro indicadas de 1989, a mais velha era Glenn Close, com 42 anos. A própria Streep, com 39, competia pela oitava vez pelo trabalho em "Um Grito no Escuro".

As outras indicadas eram Sigourney Weaver, com 39 anos, por "Nas Montanhas dos Gorilas", e Melanie Griffith, com 31, por "Uma Secretária de Futuro". Glenn Close era a única indicada acima dos 40.

Em 2023, Ana de Armas, de 34 anos, é a única nomeada abaixo dos 40, por "Blonde". Aos 53, Cate Blanchett chega favorita à cerimônia, por "Tár". Sua principal adversária é Michelle Yeoh, de 60, por "Tudo em Todo o Lugar ao Mesmo Tempo". Completam a lista Michelle Williams, de 42, por "Os Fabelmans", e Andrea Riseborough, de 41, por "To Leslie".

Não se trata de um fenômeno isolado. A média das indicadas vem

aumentando nos últimos 50 anos. Na década de 1970, a média foi de 36,1. Na década seguinte saltou para 39,4. O aumento nos anos 1990 foi quase irrisório, para 39,7.

Só na primeira década dos anos 2000 a barreira dos 40 foi ultrapassada, chegando aos 40,6 — a própria Meryl Streep contribuiu duas vezes com "O Diabo Veste Prada", de 2006, aos 57, e "Divida", de 2008, aos 59.

Entre 2011 e 2020, o índice chegou aos 42,1 anos, com um Oscar particularmente histórico em 2014. Foi a primeira — e ainda a única — vez em que as cinco indicadas tinham mais de 40. A vencedora foi Cate Blanchett, então com 45, por "Blue Jasmine".

A australiana deixou pelo caminho Amy Adams, com 40, por "Trapaça", Sandra Bullock, com 49, por "Gravidade", Judi Dench, com 74, por "Philonena", e Meryl Streep, sempre ela, que tinha 64 em "Álbum de Família". A década corrente parece pro-

Aos 26, Jodie Foster era veterana em Hollywood por ter atuado em filmes da Disney ainda criança

Só na primeira década dos anos 2000 a média dos 40 anos entre indicadas ao Oscar foi ultrapassada

Travolta e Timothée Chalamet são os dois homens com menos de 25 anos indicados a melhor ator em mais de meio século

missora. Em 2021, a média etária foi de 44,4, com vitória de Frances McDormand, aos 63, por "Nomadland". No ano passado, a vencedora, Jessica Chastain, tinha 46 em "Os Olhos de Tammy Faye", ajudando a elevar a média para 45,2. Neste ano, com Blanchett e Yeoh, chegamos à média de 46 anos.

Atores nunca tiveram preocupação com idade. A média masculina em 1970 já era de 43,6 — sete anos a mais do que a feminina — e subiu pouco nas décadas seguintes, chegando a 46,4 nos anos 2010. Em 2021, eles alcançaram a maior média, de 52 anos, impulsionados por Anthony Hopkins, por "Meu Pai", que aos 83 anos se consagrou o vencedor mais velho do Oscar na categoria.

Ao contrário da Hollywood das mulheres, apenas dois homens com menos de 25 anos foram indicados a melhor ator em mais de meio século — John Travolta, que tinha 24 em 1978, quando encarnou Tony Manero em "Os Embalos de Sábado à Noite", e Timothée Chalamet, com 22 anos em 2018, ano de sua consagração por "Me Chame Pelo Seu Nome".

Mas Hollywood não deixou de lado a procura por jovens estrelas. Jennifer Lawrence foi a vencedora de 2013, por "O Lado Bom da Vida", aos 22. Em 2016, foi a vez de Brie Larson, com 26, por "O Quarto de Jack". A premiação seguinte consagrou Emma Stone, com 28, por "La La Land". Isso sem mencionar as primeiras indicações à melhor atriz de Keira Knightley, com 20, Saoirse Ronan, com 21, e Julia Roberts ou Winona Ryder, ambas com 23.

Os números reforçam a desigualdade na forma como homens e mulheres são reconhecidos na indústria. O Oscar, mesmo com novas iniciativas e um discurso de inclusão, oscila em suas escolhas. ←

Oscar de atuação sem gênero definido?

Por **Pedro Strazza**

Repórter da Ilustrada

O Oscar deste ano é dominado por questões identitárias, e o favoritismo de "Tudo em Todo o Lugar ao Mesmo Tempo", protagonizado por asiáticos, atesta este momento. As discussões, no entanto, não chegaram aos gêneros que diferenciam os prêmios dedicados às performances.

Outras premiações e festivais importantes, como o Spirit Awards e o Berlinale, unificaram recentemente as categorias de ator e atriz em melhor atuação, contemplando artistas de todas as identidades de gênero. Mas, para a nova presidente da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas, Janet Yang, o Oscar não deve passar por essa mudança.

"Quando se põe todos os gêneros em uma categoria, você corta pela metade o número de artistas vencedores, e eu não acho preferencial um modelo assim", ela diz, em entrevista. Apesar de contrária à ideia, a execu-

tiva declara que a organização estuda internamente a reforma das categorias de atuação. No momento, porém, não há planos de instituir uma mudança do tipo no próximo ano.

A cerimônia do Oscar deste domingo é a primeira de Yang como presidente da Academia. Produtora de filmes como "O Povo Contra Larry Flint", de 1996, e a animação "A Caminho da Lua", de 2020, ela foi eleita em agosto do ano passado. É a primeira pessoa de ascendência asiática e a quarta mulher a ocupar o cargo em 95 anos de premiação.

Mas as comemorações foram breves. A Academia lida ainda com a crise midiática do tapa de Will Smith em Chris Rock na última edição, que até hoje gera críticas à organização pelo mau gerenciamento do caso. O incidente continua a reverberar, virando assunto no especial de comédia mais recente de Rock na Netflix.

Yang diz que a situação foi surreal, mas reconhece que a resposta imediata da organização foi inadequada. Para evitar novas ocorrências, o Oscar deste ano será o primeiro a contar com uma equipe de crise, preparada para lidar com qualquer problema durante o evento.

"Criamos um sistema de rápida comunicação entre a equipe de segurança e as principais lideranças. Se houver problemas, conseguiremos responder rapidamente e de maneira decisiva. O que aprendemos é que eventos inesperados acontecem e precisamos estar preparados."

A nova administração também herda o problema da audiência. Há dois anos, o Oscar registrou a pior média de público da história, com apenas 9,85 milhões de pessoas assistindo à vitória de "Nomadland". Para efeito de comparação, o Oscar de "Titanic", em 1998, na edição

mais popular do prêmio, registrou 55,25 milhões de espectadores. Yang considera a queda irreversível, mas diz que a avaliação precisa ser reformulada para levar em conta outros elementos da transmissão. Ela dá como exemplo o engajamento das redes sociais, onde, em sua avaliação, os jovens veem com mais empolgação a edição deste ano.

"Estamos cientes de que boa parte das gerações mais jovens não se interessam pela programação da televisão, mas estamos à frente da curva nas redes", afirma. "Eles estão vendo pelo YouTube e pelo TikTok. Eles estão buscando o Oscar em plataformas diferentes e certamente estão assistindo a muitos dos filmes indicados."

A executiva afirma também que a base de votantes está se internacionalizando. Segundo ela, um quarto dos membros da Academia agora são de fora dos Estados Uni-

dos, e metade da lista de indicados deste ano não é americana.

A categoria principal do prêmio corrobora a afirmação, com dois dos dez indicados sendo internacionais. Ao mesmo tempo, 2023 marca a terceira edição em dez anos em que não há filmes dirigidos por negros em melhor filme. Além disso, a única produção comandada por uma mulher entre todos os indicados, "Entre Mulheres", concorre em uma tríplice categoria, a de roteiro adaptado.

Segundo a presidente, a seleção deste ano é diferente, com outros grupos minoritários contemplados nas categorias, como os indicados de origem ou ascendência asiática. "É uma seleção variada de gêneros e de tipos de filmes, que também representam uma grande diversidade. É uma mistura diferente todo ano, e todo ano haverá aqueles que vão se sentir um pouco de fora." ←